

A Questão da Identidade na Arquitetura Latino-Americana: elementos para reflexão

The Question of Identity in Latin American Architecture: elements for reflection

Juliana Harumi Suzuki*

* Mestre em Estruturas Ambientais Urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP)
Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR)
e-mail: <harada@sercomtel.com.br>

Resumo

Este artigo pretende discutir sobre a construção de uma identidade para a arquitetura da América Latina. A partir do pensamento de alguns dos mais importantes teóricos que abordam o tema, pretende-se refletir sobre a viabilidade de tal empreendimento, dados os diferentes contextos culturais apresentados no continente.

Palavras-chave: Arquitetura; Arquitetura Latino-Americana; Identidade Latino-Americana.

Abstract

This essay discusses the construction of an architectural identity for Latin America. Considering the different kinds of cultural contexts presented in the continent and starting with the thinking of the most important theorists about the theme, a reflection about its viability is elaborated.

Key words: Architecture; Latin American Architecture; Latin American Identity.

Introdução

A arquitetura dos países latino-americanos atravessa um período de desconcerto ou incerteza. Observa-se a influência pós-modernista, enquanto há também aqueles que pregam a continuidade da arquitetura moderna. Outros, ainda, adotam a postura de utilizar toda a sorte de recursos lingüísticos, produzindo resultados amorfos que dificultam sua classificação. Comparando as tendências ou atitudes acima descritas, evidencia-se o seu caráter de dependência cultural, que caracteriza a cultura dos países latino-americanos, que tendem a reproduzir os modelos estrangeiros.

Paralelamente a esse quadro, destaca-se um grupo de teóricos da arquitetura latino-americana que, principalmente a partir da década de 80, tem se dedicado ao estudo da construção da identidade continental. Trata-se de uma tarefa particularmente difícil, dada a falta de tradição da historiografia local, sempre elaborada através de uma perspectiva européia.

Uma outra dificuldade reside na enorme diversidade cultural que caracteriza as nações latino-americanas, que englobam desde diferenças físico-territoriais até as várias origens dos povos que as colonizaram, cujo caso mais representativo é o do Brasil.

Assim, apresentam-se a seguir elementos para discussão do que seria a identidade na arquitetura da América Latina, a partir da argumentação de alguns dos mais destacados estudiosos sobre o assunto, concluindo-se com uma reflexão sobre os possíveis parâmetros para o estabelecimento de uma identidade entre os países do continente.

A Construção da Identidade na Arquitetura da América Latina

A arquitetura exerce um importante papel na formação histórica de uma comunidade e, conseqüentemente, na formação da identidade. Para Gutiérrez (1989), a obra arquitetônica é o testemunho histórico sedimentado e acumulado dos modos de vida do homem, constituindo-se numa rica fonte de documentação histórica. Ao contrário de outros documentos literários, que trazem uma informação congelada, a obra arquitetônica carrega consigo as experiências acumuladas de quem a concebeu e a utilizou ao longo do tempo, tornando-se um testemunho de modos de vida, usos e valores de uma comunidade. O fato de pertencer simultaneamente ao passado e ao presente faz da obra arquitetônica um referencial paradigmático para a construção da identidade de uma sociedade. Como documento histórico, a arquitetura mostra a evolução linear dos valores da sociedade e das formas de pensamento. Reúne as qualidades atuais com o valor acumulado de uma condição histórica e cultural que somente se perdem se a obra for fisicamente destruída.

Ao analisar-se o conceito de identidade, encontram-se várias definições. A raiz etimológica da *identitas* latina significa "o mesmo", enquanto a matemática a define como "igualdade que se realiza sempre, qualquer que seja o valor das variáveis contidas em sua expressão". Essas idéias são úteis para analisar a questão da identidade não como um dado conjuntural, mas como um "vir a ser" histórico.

Para Gutiérrez (1989, p.18):

[...] a identidade é definida por algo que diz respeito a todos e pertence a todos, o que implica a relação de ser o mesmo e de manter o reconhecimento através do tempo, apesar da alteração das variáveis. Pertencer, ser parte de algo comum é uma característica essencial da identidade. Não poderíamos concebê-la sem esse sentido integrador, vinculado à idéia de ser o mesmo e de prolongar nossas formas culturais, tangíveis e intangíveis, até chegar a um conjunto de elementos que nos conferem identidade justamente por serem parte de nós mesmos.

Conforme Gutiérrez (1989), como o conceito de identidade relaciona-se a um grupo, evidentemente significa atender a uma realidade plural e requer uma visão pluralista. Por pluralismo entende-se o respeito a uma realidade variável e diversa a partir de modos de vida, crenças, comportamentos e manifestações culturais distintos, que, apesar das diferenças, mantêm pontos de convergência comuns em certos aspectos que lhes conferem identidade. O pluralismo evita a formação de identidades exclusivistas, alienadas à comunidade enquanto conjunto, ou postas a serviço de ideologias que, buscando interpretar a realidade acabam somente por reduzi-la.

A participação e o pluralismo possibilitam a construção de identidades ao mesmo tempo personalizantes e ao mesmo tempo transcender a dimensão individual, alcançando uma projeção social. Sendo assim, a identidade constitui-se num elemento essencial de uma sociedade que evita os critérios redutivos, autoritários e totalitários.

Para Anaya (1987), identidade e integração cultural, mais do que sinônimos, constituem-se em etapas de um único processo, que consiste em identificar e reconhecer as qualidades que distinguem fato cultural, para, num momento seguinte, tentar aglutinar essas diferentes entidades num todo coerente.

O caso da América Latina, dadas as diferentes realidades arquitetônicas existentes, requer uma leitura objetiva das necessidades das sociedades. Segundo Browne (1988), o conceito do que seria a América Latina encontra-se muito mais a nível histórico do que propriamente em sua essência. Na verdade, o território consiste numa extensa área de absorção e fusão cultural ibérica, indígena e africana, incrementada entre os séculos XVI e XVIII pelos fluxos migratórios europeus. Originaram-se a partir dessa situação diferentes configurações culturais que variaram conforme a sucessiva dependência da área aos sistemas internacionais mercantis e industriais.

Para Gutiérrez (1989), do ponto de vista histórico, até o século XIX, a formação dos ambientes urbanos e rurais ocorreu através de seus próprios habitantes. A partir daí, a crescente divisão e especialização do trabalho ocorrida com as transformações tecnológicas transferiram a incumbência aos setores profissionais. Diante de sua herança arquitetônica, o profissional converteu-se num agente de dependência cultural, alienador na construção de uma cultura latino-americana. Esse mesmo século marcou o fim de um processo de arquitetura de características populares, que garantia às comunidades o direito a participação e o senso de

inclusão. Com o liberalismo político e os regimes autoritários, a arquitetura praticada nesses locais sofreu profundas transformações. Entre a “civilização ou a barbárie”, a arquitetura passou a seguir os modelos ditados pela Academia, com uma linguagem que foi popularizada através da mão-de-obra européia que chegava ao continente, iniciando-se a partir de então um processo de destruição da arquitetura de épocas anteriores.

Segundo Segre (1989), a procura pela identificação das raízes culturais e a caracterização dos atributos das tradições nacionais surgiram no século XX, quando as classes médias urbanas e as forças progressistas dos países da América Latina passaram a questionar a importação de modelos estrangeiros promovida pelas oligarquias agropastoris. Um dos movimentos de reação a esse processo foi o neocolonial brasileiro, que com sua dinâmica pretensamente renovadora objetivava opor-se ao classicismo dominante, buscando formar as bases conceituais para a formação da identidade cultural e arquitetônica brasileira. O movimento moderno contribuiu para a assimilação dos conceitos universais da contemporaneidade pelos arquitetos brasileiros da época, que perceberam a necessidade de adequá-los às condições do contexto local.

Para Zein (1987), um dos princípios básicos da modernidade arquitetônica é a sua pretensão à universalidade, principalmente com relação à utilização da tecnologia, a fim de atingir a economia de escala e a racionalização da produção através da standardização.

Browne (1988) afirma que os meios de comunicação criaram no homem moderno a ilusão de que ele pode prescindir da dependência do lugar. Para ele, a arquitetura latino-americana tem se desenvolvido num movimento de tensão permanente entre o espírito da época e o espírito do lugar, ou seja, o desejo de estar conectado a seu tempo e pertencer a um lugar específico. A partir dos anos 30, dada a condição de ex-colônias, onde as informações chegavam com atraso, gerando um sentimento de isolamento, as culturas e a tecnologia dos países mais desenvolvidos se afiguraram como um ideal a atingir, particularmente reforçadas pela ação modernizadora dos Estados nesse período.

Para Gutiérrez (1989), a identidade da arquitetura contemporânea se baseia a partir dos eixos de tempo e espaço. Ao priorizar o primeiro, produz um resultado abstrato e alienado da realidade, enquanto que ao se enfatizar o segundo, envereda-se num historicismo ultrapassado, freqüentemente baseado em histórias alheias. Seria evidente, portanto, que para obter-se uma arquitetura com identidade seja necessário partir das circunstâncias locais. O problema é que no caso América Latina não há uma única identidade, mas várias delas superpostas.

Contudo, é possível identificar pontos de contato entre os diversos locais do continente, que podem ser a unidade lingüística, a religião, a consciência de se pertencer a um único todo e até mesmo a condição de miséria e pobreza de suas sociedades. Todos esses fatores contribuem para formar uma identidade cultural latino-americana.

Ainda conforme Gutiérrez (1989), uma das atitudes mais alienantes na arquitetura está em conceber a modernidade exclusivamente em torno do eixo temporal. As coordenadas dessa suposta modernidade ignoram o espaço, introduzindo nele elementos estranhos, concebidos a partir de exigências e pensamentos externos. Torna-se necessário incorporar o eixo do espaço, uma vez que no mesmo tempo pode haver muitas “modernidades”. Trata-se de primeiramente de resolver a equação espaço – tempo. A tarefa do arquiteto é justamente dominar essas duas coordenadas criativamente, inserindo-se num processo que é ao mesmo tempo histórico e condicionante do futuro.

Segundo Segre (1989), os atributos que definem a modernidade ambiental latino-americana são, basicamente, a utilização dos recursos materiais, técnicos e ambientais disponíveis, a fim de concretizar as estruturas funcionais que permitam enriquecer a qualidade de vida da população. Para atingir tal objetivo, torna-se necessária a aprovação democrática dos espaços comunitários. Evidentemente, a identidade cultural passa antes por um processo de apropriação social do espaço, que contraria o sistema capitalista. Para haver uma arquitetura representativa da identidade latino-americana, portanto, deve existir antes uma nação, entendida como produto de unidade e vontade coletiva.

Para reconhecer os traços de uma identidade arquitetônica, devem-se buscar os modos de vida das comunidades, recorrendo menos ao repertório formal de suas construções do que aos conceitos implícitos de suas formas de vida. É mais importante, nesse caso, compreender as tipologias que o léxico formal ou a citação erudita. Também é importante que tais tipologias não sejam exemplares meramente formais, mas que sejam capazes de refletir os modos de vida de seus ocupantes.

Já para Segre (1989), não existe um repertório de formas determinadas que possam caracterizar o espírito latino-americano. O que existe são condicionamentos estabelecidas pelo clima e pela natureza, que são os atributos “locais” – e outro que define a modernidade específica de cada época, que é o “tempo”, concebida em termos de vanguarda, de transformação e renovação. Somam-se a esses fatores a complexidade das culturas e das sociedades específicas, juntamente com as diferentes conotações produzidas pelo capitalismo ou socialismo. Entre as soluções eruditas e populares, existe uma enorme variedade de alternativas que representam as múltiplas posições dos muitos grupos que formam a sociedade latino-americana. Privilegiar valores estéticos e as categorias formuladas por críticos das sociedades mais desenvolvidas parece voltar para a antiga posição de dominação cultural.

Zein (1987) propõe que, ao invés de esperar a formação de uma arquitetura latino-americana, ela seja tratada como um conceito básico a ser desenvolvido, evitando a idéia de que uma arquitetura de espírito latino-americano possa embutir um conceito de monolitismo ou homogeneidade. No panorama da arquitetura latino-americana há somente um aspecto que deve ser garantido: o direito à diversidade. Da mesma forma, também não se torna necessário julgar o que seria uma

“autêntica arquitetura” local, sendo os países que compõem o território extremamente distintos em termos de culturas, povos e migrações.

A arquitetura que mais se aproxima da identidade latino-americana atende às seguintes condições:

- Valorização da diversidade, considerando as cidades latino-americanas como estruturas distintas do ambiente europeu, buscando reforçar as especificidades ao invés de ocultá-las ou negá-las;
- Adequação da arquitetura às condições climáticas locais, bem como o emprego de materiais e técnicas condizentes com a realidade econômica, cultural e social;
- Ênfase nos aspectos criativos do fazer arquitetônico, evitando a predominância de idéias cuja preocupação principal seja meramente a acumulação do capital;
- Compreensão, respeito e valorização da história da arquitetura como repositório do saber;
- Preocupação com as necessidades do ocupante do edifício, de modo que a arquitetura seja flexível o bastante para que possam ser apropriadas pelo usuário com criatividade e variedade, podendo ser transformadas ao longo do tempo.

A identidade da arquitetura latino-americana será construída através do comprometimento com a realidade da região, sem esquecer-se de que está em contínuo movimento, sendo portanto, variável em seus parâmetros.

A Identidade Latino-Americana e a Arquitetura Brasileira

Conforme Comas (1989), no Brasil, ao contrário dos demais países, o debate sobre a formação de uma autêntica arquitetura latino-americana não tem alcançado grande repercussão. Ao contrário, as discussões têm sido marcadas pelas reações críticas em relação à xenofobia, além do domínio das obras de caráter monumentalista como os de Oscar Niemeyer e Vilanova Artigas.

Segundo Segawa (1989), para alguns, o fato de o Brasil situar-se juntamente aos demais países de cultura hispânica deve-se a um “acidente” da natureza. Contudo, como argumenta Comas (1989), a discussão para a formulação de uma arquitetura própria torna-se pertinente a partir do momento em que se constata a falência dos modelos modernos de cunho desenvolvimentista. Tal preocupação não implica necessariamente na exclusão das influências externas, nem de adoção de uma postura maniqueísta entre o que é nacional e o que é internacional, representado pela tradição e a modernidade. Reconhece-se a relevância da influência de Le Corbusier sobre Lúcio Costa ou Niemeyer, mas também que a qualidade de suas obras deve-se à sólida cultura arquitetônica de ambos, que os levou a equacionar tanto a herança da tradição neocolonial quanto a intenção de ruptura com o passado pregada pelas vanguardas.

Segundo Zein (1987), o Brasil, país cujas dimensões dão origem a diferentes condições climáticas, geográficas, além de peculiaridades culturais distintas de suas regiões, produz distintos “regionalismos arquite-

tônicos”, ou arquiteturas que, cada qual a seu modo, tentam equilibrar os espíritos da época e de lugar sem deixarem de pertencer à herança de nossa modernidade. Tais arquiteturas recusam-se a adotar modelos universalizantes, apátridas e aclimáticos, valorizando a adequação do clima e às técnicas disponíveis, produzindo uma simbiose entre a arquitetura erudita, aquela ensinada pelas escolas, e a arquitetura popular, ou aquilo que resta dos modos de construir regionais, que no caso brasileiro não é puramente autóctone, mas apresenta-se como resultado de um sincretismo das tradições portuguesa, indígena, negra, européia, entre outras.

As soluções regionalistas não são aplicáveis exclusivamente a lugares afastados ou exóticos, podendo ser empregadas em regiões mais desenvolvidas, não somente porque as periferias dos grandes centros urbanos são tão ou mais carentes que as regiões afastadas do país, mas também por ser possível resgatar o caráter regional do saber popular em qualquer parte, saber este que se afirma estar em extinção, mas é parte significativa da cultura do país.

Conclusão

Num mundo marcado pelo excesso de informações e pelo discurso dominante em favor da globalização, a busca de valores latino-americanos constitui-se num processo saudável, mas que deve ser tomado com uma boa dose de precaução.

O debate da arquitetura latino-americana tem sido centrado na contraposição entre tradição e modernidade, sendo freqüentes as discussões sobre considerações que envolvem dualidades: centro *versus* periferia, desenvolvimento *versus* subdesenvolvimento, tradicionalismo *versus* modernização.

Muito do discurso que se faz em relação a uma identidade da arquitetura na América Latina está permeado de uma ideologia xenófoba. Em determinados momentos, considera-se que o verdadeiro caráter latino-americano reside na costa oeste, excluindo-se, por conseguinte, o Brasil, a Venezuela e a Argentina.

Cada cultura deve reconhecer e tentar romper com seus conservadorismos. A arquitetura moderna surgiu como um movimento de ruptura, uma busca de um novo mundo, contribuindo particularmente com a dimensão social. Para os países de passado colonial, seria o caminho do futuro. No Brasil, o próprio repertório modernista converteu-se de maneira tão peculiar ‘as condições locais que adquiriu uma identidade própria, caracteristi-

camente brasileira. Tal fato levou muitos a afirmarem que os dois grandes momentos genuinamente representativos da história arquitetônica nacional foram o Barroco, sobretudo o mineiro, e o Modernismo, cujas origens são européias. Sendo assim, o fator primordial para a construção de uma verdadeira identidade no território latino-americano consiste em se evitar adotar uma postura de exclusão das diversidades.

A procura pela identidade deve evitar tanto o triunfalismo como a submissão. Se o que se questiona é justamente o etnocentrismo das culturas estrangeiras, não há sentido assumir a mesma posição às avessas. Da mesma forma, também não se trata de invalidar o debate sobre a própria condição latino-americana, por julgá-lo um reflexo de um movimento que se estende por todo o mundo, e, assim, adotar uma visão externa e empobrecida de nossa própria realidade.

Ao contrário do que afirmam muitos teóricos sobre o assunto, a construção da identidade na arquitetura da América Latina não deve centrar-se na luta para romper os limites entre os valores locais e os universais, uma vez que tais limites sequer podem ser completamente definidos.

Referências

- ANAYA, Gustavo Medeiros. O Caminho para uma identidade já está aberto. *Projeto*, São Paulo, n. 96, fev. 1987.
- BROWNE, Enrique. *Otra Arquitectura en America Latina*. Barcelona:Gustavo Gilli,1988.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. Em busca de uma arquitetura latino-americana própria. *Projeto*, São Paulo, n. 124, ago. 1989.
- GLUSBERG, Jorge. Cinquenta anos de regionalismo. *Projeto*, São Paulo, n.143, jul. 1991.
- GUTIÉRREZ, Ramón. *Arquitectura latino-americana*. São Paulo: Nobel, 1989.
- SEGAWA, Hugo. Dilemas da modernidade e da tradição na arquitetura brasileira. *Projeto*, São Paulo, n. 131, abr./maio 1990.
- SEGRE, Roberto. Angústia e esperança no final do milênio – o passado, o presente e o futuro do terceiro ambiente. *Projeto*, São Paulo, n. 125, set. 1989.
- ZEIN, Ruth Verde. Construir a identidade, com diversidade. *Projeto*, São Paulo, n. 96, fev. 1987.